

# GUERRA NO LESTE EUROPEU

Pelo menos 150 mil civis deixaram a Ucrânia por meio das passagens abertas em quatro localidades. Em Mariupol, no sul do país, comboio de 210 veículos conseguiu atravessar bloqueio russo e abandonar a cidade, que contabiliza 2 mil mortos

## Fuga por 26 corredores humanitários

Elas deixaram para trás um cenário de filme de terror. Mais de 2 mil corpos sepultados em covas coletivas; civis trancados, na escuridão de suas casas, sem aquecimento; bombas caindo sobre áreas residenciais; moradores obrigados a derreter o gelo ou a buscar a água acumulada nos telhados. Depois de quase duas semanas de cerco militar russo, centenas de pessoas conseguiram fugir do pesadelo no qual se transformou a cidade portuária de Mariupol, no sul da Ucrânia. Às 13h de ontem (8h em Brasília), pelo menos 210 carros particulares saíram em comboio em direção à cidade de Zaporizhzhia. Quase 150 mil pessoas deixaram a Ucrânia por corredores humanitários desde que a Rússia começou a invasão ao país.

"Ativamos 26 corredores humanitários. Graças a eles, os ônibus conseguiram evacuar um grande número de pessoas. Podemos dizer que são cerca de 150 mil pessoas", disse o vice-diretor do gabinete presidencial ucraniano, Kyrylo Tymoshenko, citado pela agência de notícias Interfax-Ucrânia. Esses corredores estão operando nas regiões de Kiev, Sumy (350km a nordeste da capital), Kharkiv (nordeste do país) e Zaporizhzhia (leste), de acordo com Tymoshenko. Além disso, nas regiões de Donetsk e Lugansk, dois territórios controlados por separatistas pró-Rússia no leste da Ucrânia, civis também conseguiram fugir dos combates usando corredores humanitários, relatou ele.

Somente ontem, 4 mil ucranianos tiveram êxito em utilizar os corredores humanitários. As tropas russas têm sido acusadas de bombardear essas rotas de fuga — o que configura uma violação do direito de guerra. Se o comboio que partiu de Mariupol foi bem-sucedido, o mesmo não ocorreu com outros carros com ajuda humanitária que faziam o caminho inverso e tentavam chegar à cidade. Mais uma vez, foram bloqueados por soldados russos, em Berdiansk, a 85km de Mariupol, segundo autoridades ucranianas.

Em conversas com o primeiro-ministro da Grécia, Kyriakos Mitsotakis, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, sublinhou a necessidade de assegurar o funcionamento dos corredores humanitários, especialmente em Mariupol.

Sergey Bobok/AFP



Morador de Kharkiv, a segunda maior cidade do país, busca pertences em prédio residencial destruído após explosão de foguete russo

### Protesto em telejornal russo

Uma manifestante invadiu, na noite de ontem, os estúdios da emissora russa Pervy Kanal, no momento do telejornal de maior audiência no país, o Vremia. Funcionária da rede, Marina Ovsianikova se posicionou atrás da apresentadora Ekaterina Andreieva e exibiu um cartaz contra a ofensiva militar na Ucrânia — "Não à guerra. Não acreditem na propaganda. Estão mentindo para você aqui. Os russos são contra a guerra." A emissora, que cortou as imagens, abriu uma investigação interna sobre o episódio. "Infelizmente, trabalhei para a Pervy Kanal nos últimos anos, fazendo propaganda para o Kremlin. Hoje, tenho muita vergonha disso", disse Marina.

### Grávida

As imagens de uma grávida sendo resgatada de uma maternidade em Mariupol, após bombardeio russo, rodaram o mundo e se

AFP



tomaram um símbolo dos horrores da guerra iniciada pelo presidente Vladimir Putin. Ontem, a agência Associated Press informou que a mulher e o bebê não resistiram. A gestante foi levada às pressas

para outro hospital, bem próximo à linha de frente, onde os médicos trabalharam para mantê-la viva, depois que o bebê nasceu morto, no sábado, dois dias depois do ataque aéreo. O cirurgião Timur

Marin encontrou a pélvis da mulher esmagada e o quadril descolado. "Mais de 30 minutos de reanimação da mãe não produziram resultados", lamentou Marin. "Ambos morreram."

## Mansões invadidas

Alvo de sanções da comunidade internacional, magnatas russos também têm enfrentado, nos últimos dias, ações de manifestantes indignados com o alinhamento deles ao governo de Vladimir Putin. Em Londres, um grupo ocupou, ontem, uma mansão que pertenceria a um "oligarca", localizada em bairro nobre. "Temos a intenção de usar esse prédio para acolher refugiados", disse um dos invasores.

Quatro manifestantes, três deles com o rosto parcialmente coberto, foram a uma das varandas e se apresentaram sob o nome de London Makhnovists, um grupo anarquista. Eles penduraram duas faixas — uma azul, com a frase "esta propriedade foi liberada", e outra vermelha, dizendo "f. Putin" — em duas sacadas do imponente edifício na Belgrave Square. Em uma janela, uma bandeira ucraniana se destacava.

A mansão foi cercada por um cordão policial e protegida por meia dúzia de veículos policiais. Situada perto do Hyde Park, a propriedade pertence a uma empresa registrada nas Ilhas Virgens Britânicas. É administrada por Graham Bonham Carter, um empresário britânico, cujas contas bancárias foram congeladas no início do mês pela Justiça britânica.

Carter cuida do portfólio de Oleg Deripaska no Reino Unido. Deripaska foi um dos sete milionários russos alvo das sanções anunciadas na quinta-feira passada, pelo governo britânico, por laços com o Kremlin.

### Detenções

Em Biarritz, na França, três homens foram detidos por ocupação de uma mansão de propriedade do ex-genero de Putin. Os invasores hastearam a bandeira ucraniana. A mansão de Kirill Shamalov está situada na vila Alta Mira. Segundo a mídia internacional, o empresário foi casado com Yekaterina Tikhonova, a caçula do presidente russo.

No fim de fevereiro, a área externa de uma propriedade em Anglet, perto de Biarritz, foi destruída. A casa pertence a uma empresa imobiliária não comercial de Liudmila, ex-mulher de Putin, e de seu atual marido.

## Conflito vai agravar fome, alerta a ONU

Ao falar sobre as repercussões da guerra deflagrada pela Rússia contra a Ucrânia, o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, alertou, ontem, para a possibilidade de um "furacão de fome" passar por inúmeros países. A suspensão da produção agrícola nos dois países, em decorrência do conflito, atingirá "duramente os mais pobres e semeará instabilidade política e mal-estar em todo o mundo", advertiu Guterres, em Nova York.

"Essa guerra afeta muito mais do que a Ucrânia", assinalou o chefe da ONU. "Os preços dos cereais já superaram os do começo da Primavera Árabe e os distúrbios por alimentos de 2007-2008", disse, acrescentando que o índice mundial de preços dos alimentos da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) "está em seu nível jamais registrado".

Protagonistas do conflito que entra hoje no 20º dia, Rússia e Ucrânia são considerados "o celeiro de cereais" do mundo.

**45**  
**PAÍSES**  
africanos e os  
menos desenvolvidos  
importam pelo menos  
um terço que consomem  
de Ucrânia ou Rússia

"Devemos fazer tudo o possível para evitar um furacão de fome e o colapso do sistema alimentar mundial", destacou.

Segundo Guterres, que voltou a pedir o fim dos ataques, no total, 45 países africanos e os menos desenvolvidos importam pelo menos um terço de seu trigo de Ucrânia ou Rússia. Dezoito deles importam ao menos 50%. "Isso inclui países como Burkina Faso, Egito, República Democrática do Congo, Líbano, Líbia, Somália, Sudão e Iêmen", elencou. Esse último, devastado pela guerra, é um dos vulneráveis.

Photo by Essa Ahmed/AFP



### Iêmen

Agências das Nações Unidas estimam que, devido ao conflito no Leste Europeu, o número de vítimas fatais da fome no Iêmen vai se multiplicar por cinco, chegando a 161 mil mortos até o

fim do ano. Atualmente, mais de 30 mil pessoas estão em situação de carestia alimentar, segundo comunicado conjunto da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef)

### Sob olhar dos filhos, iemenita cozinha em fogão de barro ao ar livre num acampamento improvisado para deslocados

e do Programa Mundial de Alimentos (PMA).

O alerta foi distribuído dois dias antes de uma conferência de alto nível que pretende reunir ajuda para o Iêmen. "Esses números aterradoramente confirmam que estamos prestes a ter uma catástrofe no Iêmen e que quase não temos tempo para evitá-la", disse o diretor do PMA, David Beasley. Ele previu que, sem doações, haverá "inanição e fome massivas".

O Iêmen depende quase completamente das importações de alimentos, com quase um terço do fornecimento de trigo procedente da Ucrânia, de acordo

com o PMA. "Há uma profunda convicção de que temos de agir agora", frisou o coordenador humanitário da ONU para o Iêmen, David Gressly.

As avaliações divulgadas pela ONU usam a Classificação Integrada de Fases da Segurança Alimentar (CIF), que qualifica os níveis de fome de um a cinco. Nesse sistema, o quinto nível está classificado como "catastrófico" e, quando se chega a 20% da população, é considerado como situação de escassez.

Os resultados da classificação mostram que 17,4 milhões dos 29 milhões de habitantes no Iêmen enfrentam altos níveis de insegurança alimentar aguda — a expectativa é a de que aumente para 19 milhões este ano.

O documento também detalha que 2,2 milhões de crianças estão gravemente subnutridas no país africano. Entre elas, mais de meio milhão enfrentam a desnutrição aguda grave, "uma condição que põe suas vidas em perigo".